
Valores e Crenças do Terapeuta Diante do Tema da Infidelidade Conjugal

Values and Beliefs of the Therapist on the Subject of Marital Infidelity

Daniela Bertoncello²⁶

Resumo

O fenômeno da infidelidade conjugal é um dos temas mais recorrentes na clínica com casais e indivíduos, desafiando terapeutas em geral a examinarem seus valores e crenças pessoais e profissionais, como forma de se colocarem isentos de julgamento na atuação terapêutica. Esse estudo promove reflexões importantes, inclusive a partir de contextos mais amplos tais como: cultura, sociedade, religião, comunidade, instituição, profissão e família. Muitas questões podem atravessar a forma como o terapeuta percebe as ocorrências clínicas relacionadas a esse tema, permeando sua prática com lentes que o favorecerão ou não, para estabelecer vínculos terapêuticos seguros, dotados de confiança, compromisso e respeito, tanto com casais como com indivíduos que o procuram para tratar suas crises conjugais, decorrentes da quebra de confiança relacional. Terapeutas e clientes podem se lançar por verdadeiros labirintos, tais como caminhos sem fim de percepções equivocadas e enredadas por crenças limitantes, que se não forem identificadas, compreendidas e questionadas, poderão comprometer os resultados do trabalho terapêutico. Este artigo propõe, portanto, uma atualização para esse assunto, visto que é mais comum se discorrer na literatura específica da área sobre a terapia para esse tipo de crise conjugal, sendo ainda pouco abordado o papel do terapeuta diante de questões clínicas com essa abrangência e complexidade no que concerne à análise de valores e crenças do terapeuta sobre tal fenômeno.

Palavras-chave: terapeuta, terapia de casal, infidelidade, apego

²⁶ Psicóloga, terapeuta familiar, de casal e individual sistêmica. Mestra em Psicologia. Professora de cursos de pós-graduação. Uma das coordenadoras do Grupo de Estudos Diálogos Científicos da Associação Paranaense de Terapia Familiar (APRTF) e uma das organizadoras do livro *Infidelidade Conjugal & Processos de Apego* (Editora Artesã).

Abstract

The phenomenon of marital infidelity is one of the recurring topics with couples and individuals in the clinic, challenging therapists to examine their personal and professional values and beliefs as a way of exempting themselves from judgment in therapeutic work. This study promotes important reflections, including those from broader contexts such as culture, society, religion, community, institution, career and family. Many issues can penetrate the way the therapist perceives the clinical occurrences related to this subject, permeating their practice with lenses that will favor them or not, in order to establish safe therapeutic bonds, endowed with trust, commitment and respect, both with couples and individuals who approach them to deal with their marital crises, resulting from the breach of trust in the relationship. Therapists and clients can wander true labyrinths, as endless paths of misperceptions entangled by limiting beliefs, which, if not identified, understood and questioned, could compromise the results of the therapeutic work. This article therefore proposes an update on this subject, seeing that therapy for this type of marital crisis is more commonly discussed in the specific literature of this area, and the role of the therapist facing clinical matters of this scope and complexity is still little debated when it comes to the analysis of the therapist's values and beliefs regarding this phenomenon.

Keywords: therapist, couple therapy, infidelity, attachment

Introdução

A complexidade emocional e cognitiva que decorre de crises conjugais, especialmente aquelas advindas de triangulações disfuncionais à díade conjugal, pode despertar fortemente no terapeuta um convite para que ocupe uma posição triangular no processo terapêutico. Todavia, tal triângulo surge com a proposição de ser funcional, promovendo segurança suficiente para garantir a formação da aliança entre terapeuta e casal. É de suma importância pensar a terapia como uma ponte que se estrutura a partir desses dois pilares fundamentais ao processo: terapeuta e casal. Sobre esse vínculo terapêutico caberão elementos cruciais à sua evolução, que vão requerer antes de tudo consciência e discernimento. Este estudo

pretende abordar especialmente os fatores que correspondem ao terapeuta como forma de focalizar e compreender melhor essa parte da relação terapêutica.

De acordo com Crawley e Grant (2010), a primeira e principal tarefa do terapeuta de casal é garantir uma *ilha* de segurança – um abrigo para o casal – para que ambos se sintam à vontade em manifestar e compartilhar suas experiências. Os autores afirmam que a qualidade da aliança terapêutica como forma de relação colaborativa consciente entre terapeuta e cliente é uma das variáveis mais importantes que pode vir a afetar o resultado da terapia, independentemente do modelo teórico adotado pelo profissional.

Na maioria das vezes, os processos de crise que se instalam na relação conjugal, incluindo vivências permeadas pela quebra do contrato de confiança entre seus integrantes, produzem abalos nos níveis conjugais de: pensamento, emoção e ação. Os clientes buscam terapia para lidar com a crise que desestabilizou o contrato entre as partes, inclusive com consequências nos sistemas mais amplos, tais como: família extensa, redes profissionais e sociais, e no interior da própria família atual. A busca ocorre seja com intuito reparador – como forma de reconstruir a relação de confiança –, seja, mesmo, com intenção de dissolução – como forma de romper a união, que não encontra parâmetros fundamentais para sua recomposição e transformação.

Os contratos conjugais são feitos de elementos relevantes, que entrelaçados a fatores como confiança, compromisso e respeito, derivam formas de ser e estar em casal, como par conjugal e/ou como indivíduos inter-relacionados. O contrato permitirá o delineamento de elementos como: configuração, estrutura, funcionalidade, comunicação e história pessoal e conjugal. Independentemente da constituição e das características da díade formada, forças individuais e relacionais precisarão ser manejadas, em busca da autonomia de suas partes e do pertencimento ao todo. Para Sager (2009), o casamento é a mais complexa das relações humanas, necessitando ser compreendido a partir do conceito de contrato conjugal como um caminho que eleger, descreve e ordena variados aspectos intrapsíquicos e relacionais, buscando estabelecer qualidade ao relacionamento conjugal. Sager entende por contrato individual todos os fatores explícitos e implícitos, conscientes e inconscientes, advindos de

desejos e necessidades e relacionados às atribuições e direitos, frente às expectativas possuídas pela pessoa, a partir da reciprocidade.

Segundo Toledo (2020), contratos monogâmicos em que intimidade, cumplicidade e confiança se traduzem como aspectos que representam fidelidade, por conseguinte tornam implícito o contrato de exclusividade entre os cônjuges. De acordo com essa autora, quando a segurança desse contrato é rompida e suas cláusulas já não estão mais satisfazendo os níveis esperados, possivelmente existem sinais que estão denunciando isso na relação conjugal.

Para Moreira (2020), que discorreu a respeito de novos traçados nas configurações que descrevem relações amorosas em tempos de modernidade líquida – conceito já desenvolvido por Bauman (2001) para representar a liquidez das relações na atualidade –, os contratos relacionais também suscitam reflexões: desde os sologâmicos até os poliamorosos, justamente por suas implicações frente aos conceitos de fidelidade e infidelidade. Segundo Moreira, realmente há um sentido plural nesses conceitos, em que perspectivas modificam-se até mesmo de forma paradoxal e só aparentemente, contraditória.

Em vista disso, torna-se instigante pensar que em todas essas diferentes dimensões relacionais, contratos amorosos ainda tentam nortear parâmetros individuais e relacionais, frente ao desejo de se obter segurança nas relações. Exatamente diante desses pactos, que o terapeuta tem a tarefa de se colocar empático para a formação da aliança terapêutica, de forma a tentar sustentar esses vínculos de confiança e compromisso no tratamento.

Labirintos Terapêuticos

Quando redigi o capítulo do livro correspondente ao terapeuta diante do tema clínico da infidelidade conjugal, tomei como representação naquele momento, a imagem de labirintos terapêuticos com o intuito de refletir sobre o que poderia ocorrer com o terapeuta ao longo de seus trajetos clínicos. Labirintos possuem vielas sem saída e bifurcações, bem como trazem dentro de si, passagens peculiares, que possibilitam travessias consideráveis para fora das ambiguidades e desorientações, surgidas a partir das queixas apresentadas pelo casal ao

profissional. Há anos, tenho fincado meu interesse no estudo do tema referente à pessoa do terapeuta e sua formação profissional e pessoal, especialmente nos terapeutas de casal e de família, que se tornam verdadeiros cuidadores das relações conjugais e familiares. Esses estudos foram demonstrando sucessivamente a necessidade de uma sólida formação: teórico-técnica e prática-pessoal, de modo a promover desenvolvimento profissional e do self terapêutico (Bertoncello, 2020).

É imprescindível mencionar que terapeutas são pessoas fragmentadas e dotadas de heranças culturais, sociais, profissionais e familiares. Trata-se de uma categoria profissional que tem transformado sua posição no *setting* de trabalho em busca de um papel mais humanizado e revitalizado enquanto profissional, como *parte* do processo, e não mais como elemento de fora do fenômeno observado, conforme aquela antiga postura de observador tão somente, que tentava equivocadamente garantir a neutralidade, outrora reconhecida como elemento crucial à eficácia terapêutica. Alguns estudos demonstram que a neutralidade deu lugar à deferência de coeficientes tais como valores e crenças do terapeuta que agem, portanto, como variáveis presentes e percebidas nos tratamentos terapêuticos (Bertoncello, 2020; Ceberio & Linares, 2005; Quadros & Yoshida, 2012).

Sistemas de valores e crenças que terapeutas possuem devem ser identificados, conhecidos e reconhecidos, pois formam seu repertório pessoal e produzem sua visão de mundo. Ceberio e Linares (2005) alertam para a importância de o terapeuta atentar ao próprio sistema de crenças como forma de perceber integralmente seu papel e o desenvolvimento da terapia e garantindo, dessa forma, que sua atuação profissional recaia somente sobre o sistema de crenças dos clientes, sem interferência de seus próprios valores. Também de acordo, Nabarro e Ivanir (2002) demonstram a relevância do lugar consciente de *não julgamento*, em que terapeutas se posicionam de forma a reconhecer seus próprios valores e necessidades para si e em seus processos de desenvolvimento profissional, mas de modo a não permitir que isso influencie a forma como abordarão e farão suas intervenções ao longo do processo terapêutico.

Vamos encontrar ao longo dos labirintos terapêuticos várias ferrugens em suas estruturas, demonstrando enfim como determinadas crenças arbitram sobre a visão de mundo do terapeuta, fazendo com que algumas convicções atuem aprisionando suas percepções. Segundo Casas (2021), isso ocorre porque é inexorável que a própria história de vida do terapeuta, com seus papéis, crenças e estilos de vida, intervenha em sua atuação, exatamente como forma de interação mútua com o mundo. Cabe adicionar aqui que especialmente algumas temáticas clínicas, por seus componentes macro e micro sistêmicos, produzem muitos vieses que demandam do terapeuta, em geral, um grau maior de atenção para identificar tais elementos com precisão, de modo a não comprometer a aliança terapêutica, pois com isso poderia prejudicar sua atuação profissional e o resultado do processo. As premissas pessoais do terapeuta devem ser questionadas para que as demais premissas profissionais estejam claras, e não caminhem sobre *águas turvas*.

Vinheta Clínica

Joana era uma terapeuta de casal de origem espanhola, moradora de uma cidade do interior, na faixa dos 40 anos, e estava formada como psicóloga há aproximadamente 10 anos. Trazia em sua bagagem pessoal, histórias de infidelidade transgeracional, da parte das figuras masculinas tanto da família paterna como da materna. Cresceu ouvindo das mulheres da família extensa que *homens sempre traem* e que *isso não deveria custar o casamento, desde que o marido fosse mantenedor da família*, pois, afinal, as mulheres tinham uma crença de que *o casamento deveria ser para sempre*. No caso de Joana, ocorria a incisão de crenças provenientes de aspectos culturais, sociais, familiares, religiosos, e outros ainda relacionados ao gênero e ao amor, nesse *território das ideias* de Joana. Isso movimentava simultaneamente as emoções e ações das mulheres de toda a família. Joana conseguia identificar que essas crenças lhe causavam inquietação, pois duvidava que isso pudesse ser realmente a melhor rota para as relações conjugais desses personagens. Ela buscou supervisão clínica, apresentando dificuldades no manejo com casais, que apresentavam o tema da infidelidade conjugal, pois relatava sentir mais empatia pelas mulheres quando estas eram as parceiras

magoadas na relação. Já na contrapartida, ela percebia que não conseguia estabelecer uma aliança tão empática com parceiros do gênero masculino quando estes tinham sido os parceiros infiéis. Isso, de alguma forma, provocava ressonâncias em Joana como terapeuta, gerando desconforto e contribuindo para interrupções em alguns dos processos terapêuticos realizados. Sem saber muito bem sobre a profundidade desse incômodo, mas percebendo que se afligia e emitia sinais claros de ansiedade ao atender esse tipo de demanda clínica, Joana pediu ajuda para examinar sua atuação profissional.

É relevante pensar a supervisão clínica como um espaço que também se ocupa do sistema de crenças profissional e pessoal do terapeuta, reconhecendo seus ecos transgeracionais em forma de mandatos e cargas de lealdade, que podem estar provocando cruzamentos com temas relativos a gênero, religião, feridas traumáticas, escolhas amorosas e contratos individuais e conjugais. Para Sicuro (2020), “além de conhecer as influências vindas das duas famílias de origem, é importante compreender de que forma o casal faz ou fez a síntese desse aspecto para o seu novo sistema: [afinal] repetiu o modelo, reviu criticamente e o transformou?” (p.124). Esses questionamentos apresentados por Sicuro são significativos para identificar as (in)fideliades transgeracionais que possam ter ocorrido na formação do sistema atual das pessoas. Cabe salientar que são necessários movimentos constantes de escuta empática junto a ambos os elementos da díade conjugal, impedindo que se desequilibre o triângulo funcional da aliança terapêutica, de forma a comprometer seu percurso. O sistema de crenças do terapeuta pode afetar sim esse traçado do tratamento, vindo a desfavorecer os melhores resultados em termos de acolhimento, empatia e formação de vínculo entre profissional e casal. Fatores como confiança, compromisso e respeito, tão fundamentais nas relações conjugais, fazem-se igualmente valorosos no próprio processo terapêutico. Convém agregar que essas idiosincrasias necessitam estar no campo de percepção do próprio supervisor em relação à sua história pessoal e profissional, pois, de fato, tal qual uma *cadeia de ressonâncias*, podem afetar similarmente sua própria lente de verificação e ampliação dos processamentos apresentados por meio do caso clínico, do supervisionando e da equipe terapêutica ou reflexiva, quando essa também está presente.

No estudo que realizei sobre sistemas de crenças associados ao tema do casamento e da infidelidade conjugal, desenvolvi um quadro que foi dividido por categorias relacionadas entre si: 1) contrato conjugal e compromisso; 2) contrato individual; 3) gênero, cultura e patologia; 4) amor; 5) religião. Percebi que grande parte das crenças levantadas a partir de alguns teóricos que já tinham abordado esse assunto, dentre eles Lazarus (1992) e Prado (2016), normalmente levavam a caminhos que desembocavam em algum desses grupos e por essa razão as categorias foram criadas. Neste mesmo quadro descrito no livro sobre Infidelidade Conjugal, citei várias dessas crenças em cada um desses grupos, exemplificando como forma de localização da sua natureza e demonstração, com isso, de fatores internos e externos que ajudariam terapeuta e clientes a identificarem núcleos oriundos da formação desses elementos. Alguns desses exemplos foram realçados igualmente na vinheta relatada anteriormente (Bertoncello, 2020).

Crenças x Dúvidas

O verbo *Crer* – de raiz hebraica – é derivado do vocábulo *amém* e apresenta um sentido de total confiança, certeza e fidelidade. A maioria das crenças é determinada socialmente e decifrada culturalmente. Apesar de resistentes e profundas, não são inalteráveis, mesmo que atuem sobre pensamentos, emoções e comportamentos das pessoas (Flèche & Olivier, 2014).

Já o verbo *Duvidar* (Dicionário Web, 2021), do latim *dubitare*, significa estar na incerteza, não ter confiança, não acreditar, hesitar. Surge como algo contrário à crença, confrontando seu estado rígido, e com isso provocando questionamentos às certezas anteriores e produzindo consequente provisão de novos significados, para aquela conotação única trazida por determinada crença.

Pode ser fascinante pensar que para cada crença possa haver no mínimo uma dúvida a ser inserida e que mesmo dúvidas variadas possam levar a novas e diferentes crenças de modo que o estado de inquietação cede lugar a um estado de maior satisfação e calma.

A Formação do Terapeuta

Convém ressaltar que tanto o desenvolvimento teórico-técnico como o prático e o pessoal constituem-se caminhos seguros ao longo do labirinto terapêutico. Atualizações constantes, por meio de estudos, discussões clínicas, terapia pessoal e oficinas de self formam um arcabouço central para esse progresso. Se o terapeuta estagnar e estancar sua busca por evolução, certamente haverá comprometimento de sua atuação e isso poderá ser perceptível nos processos de terapia e no próprio papel profissional (Bertoncello, 2020).

Rosset (2021) apresentou as competências pessoais do terapeuta sistêmico como forma de compreender seus processos profissionais e de vida. A autora denominou de *aprendizagens sistêmicas básicas* aquelas desenvolvidas no seio da família de origem – seja com flexibilidade, seja com rigidez –, sendo elas: pertencer e separar; rejeitar e ser rejeitado; dar e receber; direitos e deveres; culpa e responsabilidade; público e privado, intimidade e privacidade; solidão; e individualidade. Segundo a autora, o terapeuta deve examinar tais aprendizagens para conferir o quanto já as tornou menos rígidas e as transformou. Isso poderá garantir melhor progresso em seu papel profissional. Rosset ainda incluiu na lista de aprendizagens: a consciência do próprio padrão de funcionamento do terapeuta, uma lista de competências complementares – tais como saber sair ou lidar com as situações que o impactam – e, por fim, “saber estar próximo para sentir e distante para enxergar” (p.146), para saber flexibilizar.

De acordo com Casas (2021), “assim, quanto mais você souber o que é a pessoa do terapeuta – [o que ele] sente, pensa e faz - mais possibilidades de intervenção você terá” [tradução minha] (p.18). A formação teórico-conceitual também se instala como ferramenta que concede ao terapeuta determinadas perspectivas para selecionar técnicas e estratégias que lhe possibilitarão estar, em cada momento terapêutico, com determinadas pessoas e sistemas envolvidos neste processo.

Tanto a Terapia Sistêmica como a Teoria do Apego e, também, a Terapia Transgeracional e os avanços trazidos pela Neurobiologia têm revestido as lentes teóricas e técnicas do

manejo clínico sobre o fenômeno da infidelidade conjugal. Neste estudo, estou me atendo à Teoria do Apego e à Terapia Sistêmica, relacionadas ao tema da infidelidade conjugal.

O Terapeuta e o Apego

A função do terapeuta é a de uma figura de apego que pode assegurar o desenvolvimento relacional no sistema conjugal e individual, sendo que isso requer que o terapeuta examine seu próprio estilo de apego. Com base na Teoria do Apego (Bowlby, 2002), sabe-se que, mediante experiências que envolvam algum nível de ameaça e provocação de ansiedade, buscam-se tentativas de restauração da segurança interacional ou, mesmo, tentativas de autorregulagem. Os clientes também buscam essa figura de apego seguro no terapeuta como parte desse triângulo funcional ao sistema. Sendo assim, qualquer risco de desequilíbrio da segurança terapêutica poderá gerar uma sensação de apego percebida como ameaçadora. Nesse caso, surge o inversamente proporcional, pois, dependendo do tipo de apego que o terapeuta também tenha desenvolvido em sua história de vida, as histórias terapêuticas poderão deflagrar seu próprio estilo predominante e, em vista disso, serem ativados mecanismos de autorregulação do terapeuta ou busca de um lugar seguro nesse sistema. A supervisão clínica individual ou em grupo consistirá em um dos modelos de lugar seguro para o profissional estar.

De acordo com Cunha (2020), os estilos de apego não são rígidos e podem se transformar na medida em que interajam entre si nas relações significativas. A autora denomina como *química relacional* esse processo de transformação, em que intensidade e características de um estilo de apego possam atingir de algum modo, outro estilo daquela interação. Concordo com a autora quando refere que:

As relações afetivas são complexas e desafiadoras para o terapeuta. Olhar a história dos casais pela lente da teoria do apego é criar um ambiente seguro, no qual as pessoas possam falar de suas dores com a certeza de uma escuta ativa, receptiva e sem julgamento. (Cunha, 2020, p.94).

Segundo Zumaya (2009), o papel do terapeuta em ajudar um casal a superar a crise da infidelidade, em geral, é emocionalmente árduo. Pactuo com o autor quando ele afirma que “a responsabilidade do terapeuta está no processo de tratamento; [já] a responsabilidade das decisões é, totalmente, do casal” [tradução minha] (p.114). É relevante o fato de que o terapeuta precisa se dar conta de suas reações emocionais diante de determinadas temáticas e perfis clínicos e isso poderá aparecer, por exemplo, na forma como ele responde ao casal ou a um de seus membros. Quando consegue notar a própria ressonância, como forma de diferenciação, poderá ter encontrado seu potencial como “capacidade de pensar sobre sua experiência emocional e decidir como vai reagir . . . [ou ainda] de ser capaz de pensar e responder no lugar de reagir” (Crawley & Grant, 2010, p.168). Trata-se, portanto, do uso do *eu* por parte do terapeuta.

De acordo com o grande mestre Mony Elkaim (1995), que apresentou os conceitos de autorreferência e ressonância, como elementos que são desencadeados dentro do terapeuta e formados por suas vivências internas, ecos e sentimentos, de forma isomórfica à sua história de vida e à história terapêutica, são concepções que demonstram uma espécie de “ligações constituídas pela intersecção de vários sistemas em torno de um mesmo elemento” (p.103). Esse conceito está presente na prática de terapeutas de casal ao redor do mundo que cotidianamente lidam com esse *combustível inflamável*, mas de ordem necessária para que o movimento profissional e pessoal dos profissionais seja gerado. Segundo Maesima et al. (2019), essa atenção às ressonâncias, desde que utilizadas como recursos, propiciam processos reflexivos da parte do terapeuta e contribuem, portanto, para a estruturação do seu trabalho de self.

Em casos de infidelidade conjugal, a grande indagação pode ser: como o terapeuta responde diante de compartilhamentos trazidos por seus clientes que possam lhe provocar dilemas sobre seus próprios valores? Quais crenças alimentam tais valores e como esses valores retroalimentam sua visão de mundo? Ou, diferentemente, quais dúvidas já foram lançadas com o intuito de questionar certezas anteriores e tentar garantir a possível

sobrevivência emocional do profissional e da sua própria história? Questões importantes a serem refletidas e respondidas.

Há trechos no labirinto que promovem esse tipo de análise, tais como os momentos de terapia pessoal, os campos de supervisão individual e grupal, as discussões clínicas, as oficinas de self e de desenvolvimento pessoal, além das atualizações teóricas e técnicas, que podem alavancar o grau de amadurecimento profissional e pessoal do terapeuta, mantendo-o seguro frente às experiências de maior impacto emocional desde sua prática profissional.

Tanto as contribuições de Elkaim (1995) por meio da autorreferência e da ressonância, como o conceito de supervisor interno descrito por Andolfi (2018) – como expressão do mundo interno do terapeuta –, além da autorreflexão e autocrítica em relação ao terapeuta tecidas por Fuentes (2019), como também os conceitos de autosupervisão – de primeiro e de segundo nível – apresentados por Rosset (2021), são todas formas de manter e lapidar qualitativamente o lugar do terapeuta na relação terapêutica.

Considerações Finais

Sócrates, grande filósofo da Grécia Antiga (470-399 a.C.), tinha como essência para seus ensinamentos a célebre frase: *Conhece-te a ti mesmo* e com ela, trazia o assunto do si mesmo, do self, do diálogo interno. É preciso tempo, humildade, paciência, aceitação e conhecimento para tal propósito, de se localizar conscientemente no labirinto terapêutico.

Estou em concordância com Keeney (1992), que enfatizou a singularidade de cada terapeuta – desde seu estilo pessoal até seus recursos e entraves – e evidenciou o fato de que as vulnerabilidades do profissional possam servir-lhe positivamente, desde que identificadas e trabalhadas. Keeney explicita algo fantástico sobre a coragem dos profissionais que se inquietam e desafiam convicções e crenças acerca *do que é ser um bom terapeuta*, pois o perigo que reside na obediência cega aos mestres e modelos vai sendo modificado para se transformar em oportunidade de evolução, em que imaginação e criatividade colocam-se a serviço do *quefazer* terapêutico, como um movimento magnífico de “*aflouzar os laços da compreensão*” (p.128).

Para tanto, torna-se necessário o entendimento sobre o próprio sistema de crenças e valores como Terapeutas, Formadores e Supervisores na esperança de que a formação integral seja continuada, atualizada e que prime tanto pelo desenvolvimento profissional como pessoal. A missão, apesar de bela, é profunda, humana e incompleta. Não haverá travessia no labirinto se não houver estabelecimento de vínculo de confiança – entre terapeuta e clientes – que garanta a criação da aliança terapêutica. Demandas clínicas específicas, como no caso da infidelidade conjugal, irão requerer isso ainda com mais veemência por meio de contratos terapêuticos claros e disponíveis e que sustentem a escuta ativa e acolhedora para todas as partes durante todo o tratamento.

Referências

- Andolfi, M. (2018). *A terapia familiar multigeracional: Instrumentos e recursos do terapeuta*. Artesã.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Zahar.
- Bertoncello, D. (2020). Labirintos reflexivos do terapeuta: Valores e crenças diante do tema da infidelidade conjugal. In D. Bertoncello, A. S. A. Cunha & T. Z. Mazer (Orgs.). *Infidelidade conjugal & processos de apego* (pp. 41-60). Artesã.
- Bowlby, J. (2002). *Apego e Perda: Apego* (3ª ed.). Martins Fontes.
- Casas, M. C. (2021). *La familia de origen del terapeuta em sesión: Moviéndonos entre familias*. Ediciones Morata S. A.
- Ceberio, M. R. & Linares, J. L. (2005). *Ser y hacer en terapia sistémica: La construcción del estilo terapéutico*. Ediciones Paidós Ibérica.
- Crawley, J. & Grant, J. (2010). *Terapia de pareja: El yo em la relación*. Ediciones Morata S.A.
- Cunha, A. S. A. (2020). Encaixes e desencaixes nos vínculos conjugais: O apego. In D. Bertoncello, A. S. A. Cunha & T. Z. Mazer (Orgs.). *Infidelidade conjugal & processos de apego* (pp. 83-95). Artesã.
- Duvidar (2021, June 15). In *Dicionário Web*. Recuperado de <https://www.dicionarioweb.com.br/duvidar/>

-
- Elkaim, M. (1995). Terapia de casal, sistema terapêutico e ressonância. In M. Andolfi, C. Angelo & C. Saccu. *O casal em crise* (pp. 91-104). Summus.
- Flèche, C. & Olivier, F. (2014). *Creencias y terapia: Cómo detectar y eliminar las creencias que nos limitan*. Gaia Ediciones.
- Fuentes, S. V. (2019). El estilo personal del psicoterapeuta. Autorreflexión y autocrítica de la práctica terapéutica como herramientas formativas y de revisión epistémica. *Redes*, 39, 97-114.
- Keeney, B. P. (1992). *La improvisación en psicoterapia. Guía práctica para estrategias clínicas creativas* (1ª ed). Ediciones Paidós Ibérica.
- Lazarus, A. A. (1992). *Mitos conjugais*. Editorial Psy.
- Maesima, G. M., Barreto, M. & Beiras, A. (2019). O conceito de ressonâncias no processo de formação do terapeuta: Descobrimo potencialidades e limitações na prática terapêutica. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 64, 105-118.
- Moreira, J. S. S. (2020). Do convencional às novas configurações: Concepções do amor e da infidelidade. In D. Bertoncello, A. S. A. Cunha & T. Z. Mazer (Orgs.). *Infidelidade conjugal & processos de apego* (pp. 201-224). Artesã.
- Nabarro, N. R. & Ivanir, S. (2002). A terapia dos casais de meia-idade em crise devido a uma relação extraconjugal. In M. Andolfi (Org.). *A crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional* (pp. 29-72). Artmed Editora.
- Prado, L. C. (2016). *As múltiplas faces da infidelidade conjugal*. Arte em Livros.
- Quadros, E. A. de & Yoshida, E. M. P. (2012). Variáveis do terapeuta: Análise em periódicos brasileiros (1998-2007). *Interação em Psicologia*, 16(1): 63-72.
- Rosset, S. M. (2021). *O terapeuta de família e de casal: Competências teóricas, técnicas e pessoais*. Artesã.
- Sager, C. J. (2009). *Contrato matrimonial y terapia de pareja*. Amorrortu.
- Sicuro, V. L. G. (2020). A (in)fideliidade transgeracional e seus impactos na vida do casal. In D. Bertoncello, A. S. A. Cunha & T. Z. Mazer (Orgs.). *Infidelidade conjugal & processos de apego* (pp. 123-141). Artesã.
-

-
- Toledo, A. S. C. (2020). A fidelidade e seus desafios. In D. Bertoncello, A. S. A. Cunha & T. Z. Mazer (Orgs.). *Infidelidade conjugal & processos de apego* (pp. 61-72). Artesã.
- Zumaya, M. (2009). *La infidelidad: Ese visitante frecuente*. Ediciones Raya em el Agua.

Endereço para correspondência:

dbertoncellodeoliveira@gmail.com

APRTF